

O AMOR E A COMPAIXÃO SEGUNDO SARAMAGO

LOVE AND COMPASSION ACCORDING TO SARAMAGO

Maria Irene da Fonseca e Sá*

RESUMO: Em seus romances, José Saramago descreve histórias fortes de verdadeiro amor e compaixão, cujo protagonismo é o das personagens femininas. O objetivo deste trabalho foi identificar nos romances: *Ensaio sobre a Cegueira*, *Ensaio sobre a Lucidez*, *Todos os Nomes*, *O Homem Duplicado* e *A Caverna*, falas e relatos do autor que ilustrem o seu olhar sobre os sentimentos do amor e da compaixão. A pesquisa é qualitativa e foi adotado o método de revisão bibliográfica narrativa em que foram consideradas e analisadas publicações relativas ao tema de estudo. Quanto ao objetivo, é pesquisa exploratória por buscar proporcionar maior familiaridade com o tema na literatura de José Saramago. Quanto aos procedimentos técnicos, a pesquisa se debruça na análise de diversas publicações do escritor português José Saramago. O amor e a compaixão são manifestados entre pai e filha, entre amigos, ou envolvendo casais. E, também, são demonstrados por cães.

PALAVRAS-CHAVE: Amor. Compaixão. José Saramago. Personagens Femininas.

ABSTRACT: In his romances, José Saramago describes powerful stories of true love and compassion, with female characters playing the leading role. The objective of this study was to identify in the novels: *Ensaio sobre a Cegueira*, *Ensaio sobre a Lucidez*, *Todos os Nomes*, *O Homem Duplicado* e *A Caverna*, speeches and accounts by the author that illustrate his view of the feelings of love and compassion. The research is qualitative and the method of narrative bibliographic review was adopted, in which publications related to the study theme were considered and analyzed. As for the objective, this is exploratory research, seeking to provide greater familiarity with the theme in José Saramago's literature. As for the technical procedures, the research focuses on the analysis of several publications by the Portuguese writer José Saramago. Love and compassion are expressed between father and daughter, between friends, or involving couples. They are also demonstrated by dogs.

KEYWORDS: Love. Compassion. José Saramago. Female Characters.

* Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente é professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Introdução

Em 9 de outubro de 1998, a Academia Sueca comunicou a atribuição do Prêmio Nobel da Literatura a José Saramago “que, com parábolas portadoras de imaginação, compaixão e ironia torna constantemente compreensível uma realidade fugidia” (SARAMAGO, 1998).

Neste sentido, o agir do ser humano, no mundo, desassossegava Saramago que, em seus romances, expunha suas dores e angústias fazendo uso de personagens comuns/simples, de forma que seus leitores pudessem se identificar com tais personagens. Ele afirmava: “Reflito e escrevo sobre pessoas comuns porque essa é a gente que conheço.” (Saramago, 2013, p. 35).

Entre as personagens comuns/simples, surgem as personagens femininas, geralmente fortes e decisivas no desenrolar da história do romance. No entanto, como Saramago não descreve a fisionomia de suas personagens, cada leitor fica livre para construir e elaborar uma imagem da personagem segundo a sua percepção do que é passado através dos atos e falas da personagem. Saramago não esconde sua preferência por personagens femininas e reafirma sua esperança no agir feminino:

As minhas personagens verdadeiramente fortes, verdadeiramente sólidas são sempre figuras femininas. Não é porque eu tenha decidido, é porque sai-me assim. Não há nada de premeditado. Provavelmente isso resulta de que a parte da humanidade em que eu ainda tenho esperança é a mulher. (Saramago apud Aguilera, 2010, p. 281).

Uma forte influência vem de sua avó Josefa, com quem muito conviveu. Saramago reuniu as crônicas publicadas no jornal *A Capital* (1968-1969) no livro *Deste mundo e do outro*. Um desses textos é *Carta para Josefa, minha avó*. Nele, Saramago proclama:

Tens noventa anos. És velha, dolorida. Dizes-me que foste a mais bela rapariga do teu tempo - e eu acredito. Não sabes ler. Tens as mãos grossas e deformadas, os pés encortiçados. Carregaste à cabeça toneladas de restolho e lenha, albufeiras de água. Viste nascer o sol todos os dias. De todo o pão que amassaste se faria um banquete universal. Criaste pessoas e gado, meteste os bácoros na tua própria cama quando o frio ameaçava gelá-los. Contaste-me histórias de aparições e lobisomens, velhas questões de família, um crime de

morte. Trave da tua casa, lume da tua lareira - sete vezes engravidaste, sete vezes deste à luz. (Saramago, 2010, p. 27).

Desta forma, na figura de sua avó, ele confirma a crença na força e protagonismo da mulher na sociedade.

É nesse texto que é declarado o amor verdadeiro e perene que um neto pode ter por uma avó, que apesar de limitada em conhecimento - “Não entendes de política, nem de economia, nem de literatura, nem de filosofia, nem de religião. Herdaste umas centenas de palavras práticas” (Saramago, 2010, p. 27) - mas rica em sabedoria afirma que “O mundo é tão bonito, e eu tenho tanta pena de morrer!” (Saramago, 2010, p. 29). O texto não fala de amor, porém é impossível não sentir o amor transbordar na fala do autor, assim como a compaixão por sua avó não ter tido em vida tudo o que ela merecia ter experienciado.

Ressaltando o protagonismo das suas personagens mulheres, Saramago afirmava, quanto às histórias de amor que se encontram em seus romances:

Essas histórias de amor que aparecem com toda a naturalidade penso que são como são graças ao que são as minhas mulheres, pessoas muito especiais, muito particulares [...] no fundo as histórias de amor dos meus romances são histórias de mulheres, o homem está lá como um ser necessário [...], mas a força é da mulher. (Saramago apud Aguilera, 2010, p. 283).

Assim, ele discorre sobre os relacionamentos amorosos e como eles acontecem na vida da gente comum/simples. Portanto, “Os meus romances são romances de amor porque são romances de um amor possível, não idealizado, um amor concreto, real entre pessoas. E não acaba, continua na vida deles.” (Saramago apud Aguilera, 2010, p. 320). É a vida real transposta para o romance.

Em um texto que consta de *O Caderno 2*, Saramago explora as mazelas da humanidade:

O egoísmo pessoal, o comodismo, a falta de generosidade, as pequenas cobardias do quotidiano, tudo isto contribui para essa perniciosa forma de cegueira mental que consiste em estar no mundo e não ver o mundo, ou só ver dele o que, em cada momento, for susceptível de servir os nossos interesses (Saramago, 2009, p. 207).

Então, é isso que falta ao ser humano: compaixão e amor. Refletindo sobre esses sentimentos, Saramago diz:

O ser humano não é intrinsecamente bom nem mau. O que verifico é que a bondade é mais difícil de alcançar e de exercer. E bem e mal são conceitos demasiado amplos. É mais fácil ser mau, mau nas suas formas menores, mau em tudo aquilo que nos afasta do outro, do que ser bom (Saramago, 1995 apud Aguilera, 2010, p. 118).

Neste sentido, a maldade, ainda que branda, acompanha todo ser humano. Pilar Del Río, sempre muito incisiva, manifesta seu pensar:

Não consigo suportar as pessoas que falam todo o dia de amor e de não sei quê... E que depois, na vida, você percebe que não são capazes de dar um passo por alguém, de arriscar-se por alguém, de tomar uma iniciativa por alguém. Estão esperando que sempre venha alguém. Que tipo de amor é esse? [...] O seu ombro é necessário para que chorem milhões de pessoas. Ofereça o seu ombro [...]” (Río apud Mendes, 2012, p. 102).

Pois, falar é fácil, o difícil é o agir. Se colocar a serviço do bem do outro é uma tarefa complexa e que exige muita determinação e perseverança. Na maioria das vezes, não é necessário fazer grandes coisas. Mas fazer o que está ao alcance das nossas mãos, por aqueles que estão perto de nós e por quem temos laços efetivos. Pilar, em entrevista a Mendes, lembra que:

Neste momento há milhares de pais sozinhos em suas casas sem poder descer à rua porque não têm capacidade, porque não têm elevador, porque estão sós. Chega o verão e há milhares, milhões de pais que são internados como se estivessem doentes simplesmente para que os filhos possam sair de férias. [...] Há pessoas mais velhas que são muito generosas e que dizem: “Eu não posso estar limitando a vida de meus filhos” e, então, tentam buscar a vida com seus amigos. E há jovens que dizem: “Meus pais têm uma perspectiva de vida mais limitada, vou ficar com eles”. Isso me parece generosidade, creio. E em linhas gerais a generosidade é uma senhora que se vê pouco. (Río apud Mendes, 2012, p. 92).

Portanto a compaixão e o amor devem ter duas mãos. Também há que saber que muitos idosos tentam monopolizar a vida dos filhos, impedindo-os de ter sua própria família e sua ambição profissional e, por outro lado, temos filhos, e, não só, que abandonam seus idosos, reclusos em suas casas ou em lares para idosos. Assim, Pilar analisa que:

Vivemos com o que somos e com o que temos, e temos mãozinhas para transformar o mundo. E se não podemos transformar o mundo, pelo menos transformemos nosso pedacinho de calçada... [...] jamais na

vida se pode sentar e contemplar o espetáculo do mundo como espectador. [...] o que sempre podemos fazer é dar. O amor é o que se dá, não o que se recebe, dizia Proust. Talvez aí também eu tenha aprendido, e não só com Santa Teresa, ou com São Paulo, mas com Proust.” (Río apud Mendes, 2012, p. 100-101).

Deste modo, iniciar pelos que estão próximos já é um bom começo.

Apesar das adversidades e dos distúrbios que o mundo apresenta e os quais Saramago denunciou através das parábolas e alegorias de seus romances, ele, em alguns de seus romances, inseriu personagens que fossem capazes de compaixão e amor.

Neste contexto, o objetivo deste trabalho foi identificar, nos romances *Ensaio sobre a Cegueira*, *Ensaio sobre a Lucidez*, *Todos os Nomes*, *O Homem Duplicado* e *A Caverna*, falas e relatos do autor que ilustram o seu olhar sobre os sentimentos do amor e da compaixão. A pesquisa é qualitativa e foi adotado o método de revisão bibliográfica narrativa em que foram consideradas e analisadas publicações relativas ao tema de estudo. Quanto ao objetivo, é pesquisa exploratória por buscar proporcionar maior familiaridade com o tema na literatura de Saramago. Quanto aos procedimentos técnicos, a pesquisa se debruça na análise de diversas publicações do escritor José Saramago.

177

Saramago e os sentimentos de amor e compaixão

A crítica do romancista Saramago à sociedade contemporânea se torna universal nos romances considerados como ciclo alegórico, composto por romances que apontam para a irracionalidade do mundo do século XX, que se alinha ao mercado, ao lucro e a uma competição desmedida. Nesses romances, José Saramago elabora uma crítica à humanidade que está voltada para o egoísmo, a solidão, o consumismo desenfreado e as desigualdades.

Em *Ensaio sobre a Cegueira* (1995) é apresentada uma sociedade irracional, com descrição de episódios que remetem às necessidades básicas do ser humano, e provavelmente, ao que há de pior no ser humano. A cegueira está globalizada! Assim, é o mundo em que se vive. As leis de mercado continuam a conduzir o mundo, a globalização se alastra a passos gigantes, a fome impera

nos países pobres, a desigualdade social é predominante e os cuidados com a saúde são para poucos. O mundo continua a reproduzir o cenário do romance. Porém, Saramago ainda tem alguma esperança no ser humano: há a personagem mulher do médico que não cega e se mantém racional e ainda o cão das lágrimas que é capaz de compaixão.

Em *Todos os Nomes* (1997) é relatada a história de um funcionário público da Conservatória dos Registos Centrais. Um homem simples, humilde e solitário, escrevente por ofício, inconformado com a escrita da vida que resolve pesquisar sobre um nome e, obstinadamente, busca informações sobre essa pessoa. “[...] há uma mulher que está morta e que é o pólo de tudo aquilo que vai sucedendo” (Saramago, 2008 apud Silva, 2009, p. 108). Assim, a mulher desconhecida, uma mulher divorciada e suicida, tem a capacidade de dar valor e motivação à vida do solitário José.

O romance *A Caverna* (2000) é uma metáfora da vida em que todos os seres humanos praticam os mesmos gestos, têm a mesma cultura, consomem os mesmos produtos e vivem da mesma forma. Nele, Saramago traz sua crítica para a sociedade de espetáculos que se cristaliza no poder das novas tecnologias e nos grandes centros comerciais, em que o ser humano não perde o emprego, mas a função. É a sociedade da exibição na qual prevalecem os verbos comprar e vender. Saramago ainda não desacreditou totalmente da humanidade. A família de oleiros se rebela e o amor, seja filial ou entre o casal de idosos é manifestado.

O romance *O Homem Duplicado* (2002) mantém a preocupação com o mundo globalizado, com a sociedade do exibicionismo, com a cultura do descartável e com a alienação do ser humano. Enquanto no romance *A Caverna*, a crítica estava no centro comercial e no ser humano consumidor, no romance *O Homem Duplicado* é apresentado um ser humano incapaz de se ver no próximo, em que o ‘eu’ fica ameaçado pela presença do ‘outro’. Fica explícita a agressividade da humanidade num mundo em que cada vez mais se deterioram as relações entre os seres humanos. Neste romance, parece que Saramago abandona

definitivamente a esperança na humanidade. Na narrativa percebe-se uma Maria da Paz, extremamente preocupada com Tertuliano Máximo Afonso e um Tertuliano Máximo Afonso isolado e entregue à solidão. “ [...] com um gesto cansado, pôs o carro em movimento e foi para casa, lá onde, paciente e segura do seu poder, o estava esperando a solidão.” (Saramago, 2002 , p. 170). Maria da Paz afirma para Tertuliano Máximo que “Todos os dicionários juntos não contêm nem metade dos termos de que precisaríamos para nos entendermos uns aos outros.” (Saramago, 2002 , p. 125), sinalizando o isolamento e a falta de interação e comunicação na sociedade contemporânea. Em *O Homem Duplicado* há a perda da identidade, numa sociedade informatizada, que vai perdendo suas singularidades e cultura para um padrão global.

No romance *Ensaio sobre a Lucidez* (2004) tem-se o retorno dos personagens de *Ensaio sobre a Cegueira* e nele Saramago questiona as debilidades, as fraquezas, da democracia. “Agora os cães começaram a uivar colectivamente. Todas as esperanças, mas também todas as ameaças e derivas, estão em aberto” (Lopes, 2011, p. 114). O romance evolui denunciando a falta de ética nas esferas superiores do governo e por fim, as esperanças se desvanecem com a morte dos seres que eram compassivos, a mulher do médico e o cão das lágrimas.

Assim, os romances de Saramago, apesar de denunciarem os desvarios do mundo, estão embebidos do sentimento de amor e compaixão, ainda que estes nem sempre perdurem. Saramago prosea sobre a definição do amor com Mendes:

[...] toda a gente quer que se fale do amor, provavelmente à espera de que aconteça um milagre, e um dia alguém seja capaz de dizer o que é que isso efetivamente é. Mas não se sabe o que é. Há um soneto de Camões exatamente sobre o amor e que começa “Amor é fogo que arde sem se ver” e vai por aí fora dizendo, tentando dizer, o que é o amor e concluindo que não se sabe o que é o amor. O amor é um sentimento, evidentemente. Mas as pessoas podem dizer: “Mas os sentimentos podem ser explicados, analisados por palavras”. Sim, mas há sempre qualquer coisa que escapa, e é isso exatamente aquilo que escapa, aquilo que é indizível, aquilo que pertence à categoria do inefável, aquilo que não se pode expressar por palavras, é aí, é aí que está o amor. (Saramago apud Mendes 2012, p. 74-75).

Como Saramago não consegue exprimir uma definição clara e simples para o amor, Pilar é instigada por Mendes a fazê-lo, que, com toda a sua praticidade, profere: “O amor é aquilo que temos para oferecer. Em suma, seguindo um pensamento que acho que era de Santa Teresa de Jesus, que dizia: “Onde não há amor, põe amor e encontrarás amor”. Pois isso é um sentimento muito pessoal, meu, que exercito diariamente.” (Río apud Mendes 2012, p. 94). A citação de Pilar é de São João da Cruz, sacerdote e frade carmelita espanhol canonizado em 1726 e um dos Doutores da Igreja Católica Apostólica Romana. Ele é um dos reformadores da Ordem Carmelita e é considerado, juntamente com Santa Teresa de Ávila, o fundador dos Carmelitas Descalços. João da Cruz é conhecido por suas obras literárias e tanto sua poesia quanto suas investigações sobre o crescimento da alma são consideradas o ápice da literatura mística e se destacam entre as grandes obras da literatura espanhola.

Assim, com o que foi oferecido por Pilar, Saramago manifestava seu apreço pela presença, companhia, sintonia, cooperação... de Pilar em sua vida:

Estou grato pelo fato de ela existir” [...] “Se eu tivesse morrido antes de ter conhecido a Pilar, morreria muito mais velho do que serei quando isso tiver de suceder”. É porque esses vinte anos não passaram em vão, não são vinte anos vividos simplesmente um atrás do outro. São vinte anos cheios de uma riqueza, de uma força, de uma intensidade... [...] é simplesmente o fato de que a conheci a ela, nada mais. Isso mudou a minha vida completamente. (Saramago apud Mendes 2012, 79-80).

Deste modo, tendo convivido com mulheres fortes e tendo recebido muito amor delas, é compreensível que o autor de *Ensaio sobre a Cegueira* coloque amor e compaixão em suas personagens femininas.

Saramago declara que:

Não gosto das grandes frases nem da retórica das acções. Mas é realmente verdade que nos meus romances aparecem personagens, sobretudo mulheres dotadas de um heroísmo discreto, natural, como uma emancipação da sua personalidade. São mulheres, inclusivamente, dispostas ao sacrifício por compaixão, de compadecer o outro, um sentimento que tem a ver com piedade, não com a grandiloquência. Nesse modelo de mulher, que se repete de livro para livro, com diferentes nomes e em diferentes épocas, está em estado larvar uma nova forma de humanidade, uma forma diferente de “ser humano” (Saramago, 1996 apud Aguilera, 2010, p. 282).

Portanto, as personagens que manifestam os sentimentos de amor e compaixão nos romances são, geralmente, mulheres. Aquelas que fazem o bem porque o seu coração as impele para tal ação.

Saramago lembrava que: “Não se pode quantificar o amor, porque o amor não é quantificável. Não posso dizer que amei mais os meus avós do que a Pilar, ou os meus pais, ou a minha filha ou os meus netos... nada disso é quantificável, sobretudo nada disso é comparável.” (Saramago apud Mendes, 2012, p. 85). Neste sentido, ele sinaliza que há vários tipos de amor e diferentes formas de amar.

Em sua trajetória de vida, Saramago foi muito influenciado por seus avós maternos Jerónimo e Josefa, com quem muito conviveu e de quem recebeu muito amor. No texto *Carta para Josefa, minha avó*, Saramago proclama: “És velha, dolorida. [...] Não sabes ler. Tens as mãos grossas e deformadas, os pés encortiçados. [...] O teu riso é como um foguete de cores. Como tu, não vi rir ninguém.” (Saramago, 2010, p. 27), demonstrando o carinho e amor que tinha pela avó. A lembrança do avô querido está expressa na crônica *O meu avô*, e não só. Com frequência, em diferentes momentos e escritas, Saramago falava, com admiração e amor, daqueles que lhe dispensaram tanto amor e que continuavam vivos na sua lembrança. Saramago proferiu no *Discurso de Estocolmo*:

Muitos anos depois, escrevendo pela primeira vez sobre este meu avô Jerónimo e esta minha avó Josefa [...], tive consciência de que estava a transformar as pessoas comuns que eles haviam sido em personagens literárias e que essa era, provavelmente, a maneira de não os esquecer, desenhando e tornando a desenhar os seus rostos com o lápis sempre cambiante da recordação, colorindo e iluminando a monotonia de um quotidiano baço e sem horizontes, como quem vai recriando, por cima do instável mapa da memória, a irre realidade sobrenatural do país em que decidiu passar a viver. (Saramago, 1998, p. 9).

Deste modo, o escritor trouxe para a sua obra a simplicidade de pessoas comuns/ simples a exemplo de seus amados avós e, assim, tornou-os imortais.

Saramago reputava que era difícil escrever um romance sem que houvesse uma história de amor, ainda que fosse de amores com finais infelizes. E, neles está ressaltado o protagonismo das suas personagens mulheres.

Neste cenário, passa-se a discorrer sobre o amor e a compaixão que são percebidos nos romances *Ensaio sobre a Cegueira*, *Todos os Nomes*, *A Caverna*, *O Homem Duplicado* e *Ensaio sobre a Lucidez*.

O amor e a compaixão em *Ensaio sobre a Cegueira*

Saramago discorre sobre o romance:

[...] escreveu-se o Ensaio sobre a Cegueira, para me perguntar a mim mesmo e aos leitores se podemos continuar a viver como estamos a viver e se não haverá uma forma mais humana de viver que não seja a crueldade, a tortura e a humilhação, que costuma ser o desgraçado pão de cada dia. (Saramago, 1996 apud Aguilera 2010, p. 315).

No romance, a mulher do médico afirma estar cega para acompanhar o marido ao manicômio, onde são alocadas todas as pessoas cegas. Quando o marido insiste para ela ir embora, ela se impõe: “[...] fico para te ajudar, e aos outros que aí venham, mas não lhes digas que eu vejo [...]” (Saramago, 1995, p. 48).

Assim, a mulher do médico acompanha o sofrimento de todos que chegam ao manicômio e presencia todo tipo de barbárie, procurando manter-se no controle da situação e fingindo que está cega. O ambiente descrito é decadente e cruel, corroído pela falta de moral, pelo egoísmo, pela falta de solidariedade, pelo valor do imediato, pela maldade e pela exacerbação do eu. Tudo que está presente na sociedade atual! Entretanto, a mulher do médico mantém-se firme, tentando evitar o desespero geral dos que foram atingidos pela cegueira. Porém, ela diz ao marido: “Se tu pudesses ver o que eu sou obrigada a ver, quererias estar cego.” (Saramago, 1995, p. 135), denunciando as misérias e crueldades que a todo tempo ocorrem.

Desta forma, a personagem mais emblemática do sentimento de compaixão, nos romances de Saramago, é a mulher do médico de *Ensaio sobre a Cegueira*. Além do amor demonstrado no cuidado com o marido, ela estava sempre pronta a dar o seu melhor por aqueles, que cegos, estavam impedidos de qualquer

ação. Assumi para si a responsabilidade de organizá-los, alimentá-los, vesti-los, orientá-los, lavá-los... E, em certa passagem do livro, ela profere: "[...] por favor, não me perguntem o que é o bem e o que é o mal, sabíamos-lo de cada vez que tivemos de agir [...] o certo e o errado são apenas modos diferentes de entender a nossa relação com os outros, não a que temos com nós próprios [...]" (Saramago, 1995, p. 262). Deste modo, não há necessidade de definições. A pessoa que está propensa ao amor e à compaixão sabe o que deve fazer e quando fazer. Neste romance, Saramago ainda tem esperança nos seres humanos. Assim, a personagem mulher do médico não cega e se mantém lúcida e integra durante todo o decorrer do romance. Ela sente o peso e a responsabilidade de se manter racional e sofre. Ela fala para os seus companheiros cegos: "É que vocês não sabem, não o podem saber, o que é ter olhos num mundo de cegos, não sou rainha, não, sou simplesmente a que nasceu para ver o horror, vocês sentem-no, eu sinto-o e vejo-o" (Saramago, 1995, p. 262). E, Saramago explica por que essa personagem não cegou: "[...] compreendi que esse personagem, a mulher não podia cegar, porque havia sido capaz de compaixão, de amor, de respeito, de manter um sentido de profunda dignidade na sua relação com os outros, porque, reconhecendo a debilidade do ser humano, foi capaz de compreender." (Saramago, 2013, p. 36).

Nesse cenário, não é fácil manter a racionalidade, ou seja, a "[...] responsabilidade de ter olhos quando os outros os perderam" (Saramago, 1995, p. 241). No entanto, a mulher do médico, a única que não cega, procura a racionalidade. Ela sente o peso e a dor da responsabilidade de se manter forte e ética num mundo corroído pelo pior, ou pelo horror, como ela diz. Conclui-se que os seres humanos que são éticos sofrem. Avaliar, o tempo todo, o que é certo e o que é errado na relação com os outros não é simples e dá trabalho. Uma personagem alerta que "O medo cega" e outro cego complementa: "São palavras certas, já éramos cegos no momento em que cegamos, o medo nos cegou, o medo nos fará continuar cegos" (Saramago, 1995, p. 131). É a denúncia da sociedade hipócrita que tem medo dos poderosos e, portanto, cala para não perder benefícios e privilégios. Assim, Saramago faz a personagem do médico

proclamar: “Penso que não cegámos, penso que estamos cegos, Cegos que vêem, Cegos que, vendo, não vêem” (Saramago, 1995, p. 310).

Numa sociedade irracional, o cão das lágrimas surge na narrativa num momento de muito sofrimento para a mulher do médico:

A mulher do médico [...] está perdida. [...] desesperada, deixou-se cair no chão [...] e, vazia de forças, de todas as forças, desatou a chorar. Os cães rodearam-na, farejam os sacos, [...] um deles lambe-lhe a cara [...] A mulher toca-lhe na cabeça, passa-lhe a mão pelo lombo encharcado, e o resto das lágrimas chora-as abraçada a ele. (Saramago, 1995, p. 226).

A partir desse momento, “[...] o cão que tinha bebido as lágrimas acompanhou quem as chorara” (Saramago, 1995, p. 227) e passou a fazer parte do grupo, participando inclusive da partilha da alimentação: “O cão das lágrimas recebeu a sua parte” (Saramago, 1995, p. 228).

Saramago enfatiza a compaixão do cão pela mulher, que não sendo cega, assim como ele, necessitava de apoio para suportar aquilo que os outros não viam: “O cão das lágrimas veio para ela, este sabe sempre quando o necessitam [...] a sua impressão de solidão [...] só poderia ser mitigada na estranha sede com que o cão lhe bebia as lágrimas.” (Saramago, 1995, p. 307).

Até ao final do romance, o cão das lágrimas acompanha o grupo encabeçado pela mulher do médico. Ele é descrito como o “animal dos humanos” e o “cão de rebanho, com ordem de não perder nenhuma ovelha” (Saramago, 1995, p. 256).

Portanto, o romance é um livro sobre valores e sentimentos: a ética, o amor a compaixão e a solidariedade.

O amor e a compaixão em *Todos os nomes*

No romance *Todos os Nomes*, que muitos estudiosos consideram um romance de amor, a mulher desconhecida, uma mulher divorciada e suicida, tem a capacidade de dar valor e motivação à vida de José, o simples escrevente.

Portanto, quem o lê percebe a obstinação de José pela mulher desconhecida e o quanto ela significa para ele. Isto não é amor?

Na busca pela mulher desconhecida, o escrevente José acaba por estabelecer um vínculo de amizade com a personagem senhora do rés-do-chão que fala com José da convivência e do amor: “[...] perdoa-se porque se ama, ama-se porque se perdoa” (Saramago, 1997, p. 63). E, assim, fornece a chave para a convivência de qualquer casal: amor e perdão devem andar juntos, que a senhora idosa, já bastante vivida e experiente, apresenta para José.

Ela também esclarece para José que “[...] no casamento existem três pessoas, há a mulher, há o homem, e há o que chamo a terceira pessoa, a mais importante, a pessoa que é constituída pelo homem e pela mulher juntos” (Saramago, 1997, p. 63). Saramago reforça essa ideia na conversa com Mendes: “[...] no casamento não há dois, mas três... e esses três são os dois que participam, mais a união que constituem - são três” (Saramago apud Mendes 2012, p. 77), reafirmando o conceito de que o livro leva o escritor, e as opiniões dele.

A senhora do rés-do-chão tem longas conversas com José sobre o sentido da vida e da morte: “É o que a morte tem de bom, com ela acaba-se tudo” (Saramago, 1997, p. 194), “[...] não há vida sem mentiras [...] não é possível enganar a morte.” (Saramago, 1997, p. 199) e “[...] quando chegamos a velhos e percebemos que se nos está a acabar o tempo, dá-nos para imaginar que temos na mão o remédio de todos os males do mundo” (Saramago, 1997, p. 199-200). Desta forma, ela é capaz de levar ternura ao solitário escrevente José: “[...] ela manteve a minha mão agarrada e levou-a aos lábios. Nunca na minha vida uma mulher me tinha feito isto, senti-o como um choque na alma, um estremecimento do coração” (Saramago, 1997, p. 200). Portanto, através da conversa dessa personagem com José é manifestado o carinho e amor entre dois amigos.

O amor e a compaixão em *A Caverna*

Como já dito, o romance é uma metáfora da vida em que todos os seres humanos praticam os mesmos gestos, têm a mesma cultura, consomem os mesmos produtos e vivem da mesma forma. Também, é um romance que fala de mudanças e de como elas são percebidas e assimiladas pelo ser humano.

Sobre as personagens do romance *A Caverna*, Saramago alertava: “[...] observe a força da filha e sobretudo da viúva, como ela manifesta o amor ...” (Saramago apud Silva 2009, p. 108).

O encontro de Cipriano Algor com a viúva Isaura acontece no cemitério, onde os dois tinham ido para visitar as sepulturas de seus cônjuges, e onde se cumprimentam e falam sobre a substituição de um cântaro que se partira. Cipriano resolve dar um cântaro novo (de seu fabrico) a Isaura que lhe diz: “Muito obrigada, mas não devia estar a incomodar-se, depois do que conversámos lá no cemitério pensei que não há grande diferença entre as coisas e as pessoas, têm a sua vida, duram um tempo, e em pouco acabam, como tudo no mundo.” (Saramago, 2000, p. 62), fazendo uma reflexão sobre a finitude da vida.

No desenvolvimento da obra, Isaura declara seu amor por Cipriano: “Gosto de si, Cipriano, sabe que gosto muito de si” (Saramago, 2000, p. 301) e desafia Cipriano: “Vieste para ficar” (Saramago, 2000, p. 343). É poética a forma como ela manifesta o seu amor por Cipriano: “[...] quando apertei aquele cântaro contra o peito, realmente era preciso que fosses homem para não compreenderes que te estava a apertar a ti [...]” (Saramago, 2000, p. 348). Assim, é relatado o amor na idade avançada, à semelhança do amor de Saramago e Pilar.

O amor filial também está presente no romance *A Caverna*. Os diálogos entre o pai, Cipriano Algor, e a filha, Marta, que estão presentes no decorrer de todo o romance, são muito amorosos e sábios, apesar da simplicidade dos personagens. Demonstram a cumplicidade que existe entre os dois, o amor e a força que é passada pela filha ao pai. O amor entre os dois é expresso pela filha que diz ao pai:

[...] gosto de conversar consigo como se não fosse meu pai, gosto de fazer de conta, como diz, de que somos simplesmente duas pessoas que se querem muito, pai e filha que se amam porque o são, mas que igualmente se quereriam com amor de amigos se o não fossem. (Saramago, 2000, p. 67).

Nesta fala, também é lembrado o amor entre amigos que também é importante na vida dos seres humanos e Violante Saramago Matos, filha de Saramago, em seu livro *De Memórias nos Fazemos*, diz que “Este é [...] um livro em que revejo muita da minha relação com o meu pai” (Matos, 2022, p. 129), valorizando o sentimento do amor entre pais e filhos.

A personagem Cipriano Algor, que é oleiro de profissão, sofre ao constatar a desvalorização de seu trabalho de artesão. Um cão surge em sua casa em busca de abrigo e alimentação e ele diz para a filha: “Há um cão lá fora [...] tens aí alguma coisa de comer que se lhe possa levar” (Saramago, 2000, p. 49). O cão passa a fazer parte da família e Cipriano Algor lhe atribui um nome: “Não lhe chamarei Constante [...] Achado [...] estava perdido e foi achado” (Saramago, 2000, p. 53).

O cão Achado acaba por se afeiçoar à companhia de Cipriano Algor, “O cão adiantou um passo, outro passo, outro ainda, sem se deter mais, até vir colocar-se ao alcance do braço de quem o chamava.” (Saramago, 2000, p. 57) e a dedicar-se a ele, “Um cão sabe muito bem quando alguém precisa da sua companhia.” (Saramago, 2000, p. 79).

Como o cão das lágrimas do *Ensaio sobre a Cegueira*, o cão Achado também tem compaixão por seus donos, Cipriano Algor e a filha: “[...] chegar-se à chorosa dona e pousar-lhe docemente a cabeça nos joelhos. [...] Comovida, Marta passou-lhe devagar a mão pela cabeça, acariciando-o” (Saramago, 2000, p. 87) e “O cão Achado apercebeu-se de que outra vez o dono não estava na melhor das marés [...] Tocou-lhe na mão com o nariz frio e húmido” (Saramago, 2000, p. 141). O próprio narrador de *A Caverna* faz referência ao cão das lágrimas de *Ensaio sobre a Cegueira*: “[...] já tinha sucedido uma outra vez na história das fábulas e dos prodígios da gente canina, foi ter-se chegado o Achado a Cipriano

Algor para lhe lamber as lágrimas, gesto de consolação suprema” (Saramago, 2000, p. 263).

E Saramago atribui sabedoria ao cão Achado: “[...] o seu pequeno cérebro de cão compreendia que para saber há que olhar e escutar.” (Saramago, 2000, p. 79). Uma lição para os seres humanos.

Com a liderança de Cipriano Algor, a família de oleiros se recusa a aceitar a realidade do centro comercial e da sociedade consumista, e, assim, renasce a esperança de uma sociedade mais justa, alicerçada no amor e na compaixão.

Enfim, a família segue em busca de um mundo e tempo melhores e o cão Achado vai junto: “Subiram para a furgoneta, os dois homens à frente, as duas mulheres atrás, com o Achado ao meio [...] Marta chorava com os olhos secos, Isaura abraçava-a, enquanto o Achado se enroscava a um canto do assento por não saber a quem acudir.” (Saramago, 2000, p. 348-349). Afinal, a família de oleiros continuava a precisar de seu companheirismo e compaixão.

188

O amor e a compaixão em *O Homem Duplicado*

No romance *O Homem Duplicado*, é descrita a relação entre Tertuliano Máximo Afonso, um professor divorciado que “[...] não se lembra do que o levou ao matrimónio, divorciou-se e agora não quer nem lembrar-se dos motivos por que se separou.” (Saramago, 2002, p. 9) e Maria da Paz, uma bancária “[...] sofredora e paciente” (Saramago, 2002, p. 64) que “[...] nem à metade de uma palavra vai ter direito, embora já tenha compreendido quase tudo quanto havia para compreender, isto é, que o seu noivo, amante, amigo de cama, [...] se prepara para bater com a porta.” (Saramago, 2002, p. 64).

A escrita do romance evolui, apresentando uma Maria da Paz dedicada e expressando seu amor por Tertuliano, enquanto ele almeja que ela se afaste.

[...] arrependimento, vergonha, era o que nos faltava, envergonhar-se, arrepender-se uma pessoa de expressar o que sente, Sabes muito bem a que me refiro, não faças de conta que não compreendes, Entraste, beijámo-nos, foi tudo do mais normal, do mais natural, Não nos beijámos, beijei-te eu, Mas eu também te beijei a ti, Sim, não tiveste outro remédio, Estás a exagerar como de costume, a

dramatizar, Tens razão, exagero, dramatizo, exagerarei vindo a tua casa, dramatizei ao abraçar-me a um homem que deixou de gostar de mim, deveria eu ir-me daqui neste mesmo instante, arrependida, sim, envergonhada, sim, apesar da caridade de dizeres que o caso não é para tanto. (Saramago, 2002, p. 96).

Sem coragem para encerrar o vínculo e numa relação abusiva, Maria da Paz é usada por Tertuliano na busca pelo seu sócia. Ao final do romance, Maria da Paz acaba por morrer num acidente, juntamente com o sócia de Tertuliano, António Claro, que havia se passado por ele, com o consentimento de Tertuliano. Com a morte de seu sócia, Tertuliano assume a existência de António Claro, incluindo a esposa deste.

Parece que Saramago não tem mais esperança no ser humano. As relações de amor e compaixão estão deterioradas.

Uma última esperança está num ser irracional: o cão Tomarctus que vive na casa da mãe de Tertuliano Máximo e tem estima pela vida de seu dono:

A porta do quarto, que apenas se encontra encostada, abriu-se mansamente na penumbra. Tomarctus, o cão da casa, havia entrado. Vinha saber se este dono, que só de tempos a tempos aparece por aqui, ainda estava. [...] Voltará ao quarto de Tertuliano Máximo Afonso ao primeiro desponte da madrugada, tomará conhecimento de que também este lado da terra não mudou de sítio, é isso o que os cães mais prezam na vida, que ninguém se vá embora. (Saramago, 2002, p. 230).

É o cão Tomarctus que acaba por salvar Tertuliano, quando serve de senha para que a mãe de Tertuliano Máximo possa discernir sobre a identidade de seu filho. “O cão chama-se Tomarctus [...] Para que Carolina Afonso venha a ter a certeza absoluta de que diante de si se encontra o filho [...] o nome de um simples cão bastará.” (Saramago, 2002, p. 303).

Assim, Saramago aponta a irracionalidade do mundo, em que um ser irracional tem mais sentimento do que humanos, ditos racionais.

O amor e a compaixão em *Ensaio sobre a Lucidez*

Saramago afirma que “[O Ensaio sobre a Lucidez] é um romance fundamentalmente político.” (Saramago apud Aguilera, 2010, p. 328). O romance inicia com o processo de eleição num dia chuvoso e o resultado da

eleição, contados os votos, aponta que “[...] mais de setenta por cento da totalidade, estavam em branco.” (Saramago, 2014b, p. 25). É o simbolismo da rejeição ao poder constituído. A sociedade não se absteve de votar, ela votou e disse que as propostas apresentadas não serviam, não atendiam às necessidades daquela comunidade. Foi um basta! A personagem do comissário faz uma volta ao passado e relembra a época em que todos eram cegos e acaba por concluir: “Mas não é só quando não temos olhos que não sabemos aonde vamos” (Saramago, 2014b, p. 306). Há muita gente que vê, mas não sabe aonde vai e acata todo tipo de manipulação. O comissário diz à mulher do médico: “Espero que nos tornemos a ver alguma vez, e em dias mais felizes, se ainda os houver, Pelos vistos perderam-se pelo caminho” (Saramago, 2014b, p. 350). Esta frase, já quase ao final do romance, confirma a descrença de Saramago quanto à sociedade contemporânea.

Neste romance, o cão compassivo de *Ensaio sobre a Cegueira* assume o nome Constante. Talvez porque a sua função de enxugar lágrimas seja novamente requisitada, esta personagem acaba por ser designada como o "cão das lágrimas".

[...] chama-se Constante, mas para nós e para os meus amigos é o cão das lágrimas [...] porque há quatro anos eu chorava e este animal veio lambem-me a cara [...] o comissário estendeu a mão devagar e tocou-lhe na cabeça. Apetecia-lhe chorar, deixar que as lágrimas lhe escorressem pela cara abaixo, talvez o prodígio se repetisse. (Saramago, 2014b, p. 295-296).

Em *Ensaio sobre a Cegueira*, o narrador advertiu que "o mal deste cão foi ter-se chegado tanto aos humanos" e que, por isso, "vai acabar por sofrer como eles" (Saramago, 1995, p. 295). Tal como outras personagens, também ele será vítima da crueldade e irracionalidade humanas: “[...] jaz morta no chão [...] o cão veio a correr lá de dentro, fareja e lambe a cara da dona, depois estica o pescoço para o alto e solta um uivo arrepiante que outro tiro imediatamente corta.” (Saramago, 2014b, p. 359).

O cão surge no romance para alertar que é necessário que os humanos comecem a uivar: “Uivemos, disse o cão.” (Saramago, 2014, n. p.). É a convocação para

a indignação contra sistemas políticos corrompidos que não servem aos cidadãos. No entanto, o cão é assassinado juntamente com a personagem racional. É a descrença total na racionalidade do mundo. Acabou-se a compaixão e o amor.

Considerações finais

Apesar de pessimista e muito crítico quanto ao agir do ser humano numa sociedade marcada por desatinos e desigualdades, Saramago, no desenvolvimento de seus romances, geralmente, deixa transparecer uma esperança, seja através da gestação de novos seres humanos, da união de vidas ou de demonstrações de compaixão e amor. Os encontros amorosos acontecem de forma simples, mas poética. E, as mulheres assumem o protagonismo nas relações descritas.

Saramago dizia: “Há é quem diga que tenho preferência por personagens femininos.” (Saramago apud Silva 2009, p. 108). E, conclui: “[...] as minhas personagens mais fortes são todas mulheres.” (Saramago apud Silva, 2009, p. 109), porque “[...] são aquelas que têm um poder transformador.” (Saramago apud Silva 2009, p. 109), e faz uma personagem de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* proclamar: “As mulheres têm outros modos de pensar” (Saramago, 1991, p. 405).

Neste sentido, as personagens femininas são as responsáveis por reflexões profundas sobre o amor e a união. No *O Conto da Ilha Desconhecida*, a personagem da mulher da limpeza exclama que “Gostar é provavelmente a melhor maneira de ter, ter deve ser a pior maneira de gostar.” (Saramago, 1999, p. 32).

No romance *A caverna*, após a personagem Isaura ter decidido que era hora de se deixar levar pela corrente dos acontecimentos e dos sentimentos, José Saramago atesta que: “Para ter ideias aproveitáveis, não há como ser mulher” (Saramago, 2000, p. 348).

Saramago expressou que: “[...] os livros levam uma pessoa dentro, o autor.” (Saramago, 1995, p. 95), e, ainda, “Onde eu estou é nos romances. [...] o que está nos romances não é a minha vida, mas sim a pessoa que sou, que é uma coisa muito diferente.” (Saramago, 1998 apud Aguilera, 2010, p. 219).

Talvez, também, Pilar Del Río e Saramago se identificassem no amor das diferentes personagens dos romances. E, talvez, Lanzarote seja a nova realidade vivida pelos oleiros e pelas personagens de *A Jangada de Pedra*, pois Pilar se refere a esse lugar como “[...] uma ilha no Atlântico Sul, entre três continentes, para dela fazer sua casa, o lugar onde trabalhar, juntar idiomas, receber amigos, sonhar, ser amado e amar.” (Río, 2022, p. 30).

A personagem mais emblemática do sentimento de compaixão, nos romances de Saramago, é a mulher do médico de *Ensaio sobre a Cegueira*. Ao final do romance, os cegos ficam curados e voltam a ver. “A mulher do médico levantou-se e foi à janela. [...] Chegou a minha vez, pensou. O medo súbito fê-la baixar os olhos. A cidade ainda ali estava.” (Saramago, 1995, p. 310), assim, aquela mulher que foi capaz de compaixão e cuidou de seus semelhantes continua a ver o mundo como ele é. A questão que fica é: E aqueles que cegaram e voltaram a ver, eles agora reparam no mundo que os cerca, ou continuam a ver sem reparar naqueles que lhe são próximos? Portanto, no romance, Saramago afirma apenas que a mulher vê. A esperança continua limitada ao atuar de apenas alguns seres humanos.

Deste modoo, percebe-se que Saramago, sempre cético quanto à humanidade, não tem esperanças quanto ao agir do ser humano. O cão já não uiva, pois foi morto. A mulher do médico é assassinada no final do romance, confirmando a descrença de Saramago quanto à humanidade.

Portanto, o uso de personagens cães parece constituir para o escritor uma forma de chamar a atenção para os efeitos destrutivos dos seres humanos. A alegoria da sociedade industrializada e capitalista, massificada e desumanizada, que Saramago apresenta em seus romances se contrapõe ao proceder de suas personagens cães que com compaixão levam alento aos seus donos. Numa

sociedade em que os homens estão reduzidos à condição de máquinas sem emoções ou à pura instintividade animal, são os cães de Saramago que trazem uma esperança para a humanidade. Saramago afirma que: “Para mim, o cão é a encarnação da pureza moral” (Saramago, 2007 apud Aguilera, 2010, p. 332) e “[...] o cão é o melhor amigo do homem, pelo jeito que leva o mundo bem pode acabar por ser o último.” (Saramago, 2003, p. 143), numa total descrença do atuar do ser humano no mundo.

Referências

- AGUILERA, Fernando Gómez. **José Saramago nas suas palavras**. 2a. ed. Alfragide: Caminho, 2010.
- LOPES, João Marques. **Biografia - José Saramago**. Lisboa: Guerra & Paz, 2011.
- MATOS, Violante Saramago. **De memórias nos fazemos**. Santo André: Rua do Sabão, 2022.
- MENDES, Miguel Gonçalves. **José e Pilar: conversas inéditas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- RÍO, Pilar Del. **A intuição da ilha: Os dias de José Saramago em Lanzarote**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- SARAMAGO, José. **O Evangelho segundo Jesus Cristo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SARAMAGO, José. **Todos os nomes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SARAMAGO, José. **Discursos de Estocolmo**. Lisboa: Fundação José Saramago, 1998.
- SARAMAGO, José. **O Conto da ilha desconhecida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SARAMAGO, José. **A caverna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SARAMAGO, José. **O homem duplicado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SARAMAGO, José. **História do cerco de Lisboa**. Rio de Janeiro: O Globo, 2003.
- SARAMAGO, José. **O Caderno 2**. Alfragide: Editorial Caminho, 2009.

- SARAMAGO, José. **Deste mundo e do outro**. Alfragide: Editorial Caminho, 2010.
- SARAMAGO, José. **A estátua e a pedra**. Lisboa: Fundação José Saramago, 2013.
- SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a Lucidez**. Lisboa: Porto Editora, 2014.
- SILVA, JOÃO CÉU E. **Uma longa viagem com José Saramago**. Lisboa: Porto Editora, 2009.